Donna Haraway e a defesa da corporificação de uma objetividade antes descorporificada[1]

Núbia Fernandes de Moraes
Graduanda em Filosofia, Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil
nubiafernandesmoraes@usp.br

Resumo

O presente artigo analisa a crítica de Donna Haraway às concepções tradicionais de objetividade científica. Busca-se compreender, a partir dos principais argumentos do ensaio "Conhecimentos situados: a questão da ciência no feminismo e o privilégio da perspectiva parcial", a possível formulação de uma alternativa epistemológica ao que a autora denomina "objetividade descorporificada". Inicialmente, o texto examina as limitações do construcionismo social, do empirismo feminista e de certas versões do marxismo humanista. Em seguida, discute-se a noção harawayana de "truque divino", entendida aqui como um olhar supostamente neutro, historicamente associado às formas de poder masculinas, coloniais, capitalistas e militares. Contra tal lógica, Haraway propõe uma objetividade corporificada, fundada na parcialidade, na responsabilidade e na localização dos saberes, que não corresponde à eliminação do viés, mas ao reconhecimento explícito das condições materiais, históricas e sociais que atravessam o ato de produção do conhecimento.

Palavras-chave: Donna Haraway; Objetividade científica; Conhecimentos situados; Epistemologia feminista; Filosofia da ciência.

Abstract

This article analyzes Donna Haraway's critique of traditional conceptions of scientific objectivity. Drawing on the central arguments developed in the essay "Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective", this paper seeks to investigate the possible formulation of an epistemological alternative to what the author terms "disembodied scientific objectivity". Initially, the article examines the limitations of social constructionism, feminist empiricism, and certain versions of humanist Marxism. It then discusses Haraway's notion of the "god-trick," understood here as a supposedly neutral gaze, historically associated with male supremacy, colonialism, capitalism, and militarism.

[1] Artigo originalmente apresentado como trabalho final de curso sobre Donna Haraway, ministrado por Tessa Moura Lacerda, no Departamento de Filosofia, FFLCH-USP, em 2025.

Against such a logic, Haraway proposes an embodied objectivity grounded in partiality, responsibility, and the situatedness of knowledge, which does not correspond to the elimination of bias, but rather to the explicit recognition of the material, historical, and social conditions that permeate the production of knowledge.

Keywords: Donna Haraway; Scientific objectivity; Situated knowledges; Feminist epistemology; Philosophy of science.

> "Importa quais pensamentos pensam pensamentos.
> Importa quais conhecimentos conhecem conhecimentos.
> Importa quais relações relacionam relações.
> Importa quais mundos mundificam mundos.
> Importa quais estórias contam estórias."
> Donna Haraway

Os "nós" de Haraway.

Donna Haraway. Veterana da contracultura da costa leste estadunidense dos anos 1960, é formada em zoologia, literatura, filosofia e biologia. Autora, socialista-feminista, branca, do gênero feminino, uma ciborgue – e não uma deusa[2]. Haraway não está interessada em retornar a nenhum passado mítico ou pré-tecnológico; se entende como produto da ciência e da tecnologia. Haraway não vê sentido num feminismo que pregue o desprendimento total da modernidade em prol de uma suposta conexão espiritual com a Mãe Terra ou com qualquer espécie de deusa interior; sua pretensão é contestar o entendimento da ciência e da tecnologia como meras ervas daninhas do patriarcado. Sua pretensão é se envolver pelos emaranhados[3]. Haraway habita os

[2] Donna Haraway é conhecida pela frase "Prefiro ser uma ciborgue a uma deusa" que encerra o ensaio *Manifesto Ciborgue*. Haraway escolhe ser uma ciborgue, mesmo reconhecendo que a figura da ciborgue e a figura da deusa estão emaranhadas, envolvidas através de um movimento espiral. Segundo as palavras da autora, trata-se de simultaneamente construir e destruir as máquinas, as relações, as narrativas, as identidades e as categorias. Com o ciborgue, a natureza e a cultura se reestruturam, deixando de ser objetos de apropriação ou incorporação uma da outra.

[3] Haraway não se interessa pela tentativa de traçar onde a natureza supostamente termina e a cultura ou a tecnologia começam, o interesse da autora está em "assumir a responsabilidade pelas relações

"nós", não só os *nós* de suas camas de gato[4], mas também os "nós" que são os *outros*, que são corporificados, aqueles cuja possibilidade de *não* ter corpo lhes é negada, aqueles que estão associados ao ponto de vista finito, ao viés e à desqualificação. Esses "nós" representam as feministas que habitam o debate sobre ciência e tecnologia, e Haraway é uma delas. Por estar na posição em que está, ao longo de seus textos surgem questionamentos como:

> As feministas têm algo específico a dizer sobre as ciências naturais? Será que elas deveriam se concentrar em criticar a ciência sexista e as condições de sua produção? Ou deveriam estar estabelecendo a fundação de uma revolução epistemológica que iluminasse todas as facetas do conhecimento científico? Há alguma teoria feminista do conhecimento em desenvolvimento hoje e que seja análoga em suas implicações a teorias que são herdeiras da ciência grega e da Revolução Científica do século XVII? Uma epistemologia feminista que orientasse a investigação científica seria um membro familiar de teorias existentes da representação e do realismo filosófico? Ou deveriam as feministas adotar uma forma radical de epistemologia que negue a possibilidade de acesso a um mundo real e a um ponto de vista objetivo? Os padrões feministas de conhecimento genuinamente encerrariam o dilema da cisão sujeito-objeto ou a clivagem entre conhecimento não invasivo, predição e controle? O feminismo oferece insights quanto às conexões entre ciência e humanismo? As feministas têm algo novo a dizer sobre as relações controversas entre conhecimento e poder? A autoridade feminista e o poder de nomeação poderiam dar ao mundo uma nova identidade, uma nova história? Podem as feministas dominar a ciência? (Haraway, 2023, p. 121).

sociais da ciência e da tecnologia", o que implica em "recusar uma metafísica anticiência, uma demonologia da tecnologia", com o intuito de "abraçar a habilidosa tarefa de reconstruir as fronteiras da vida cotidiana, em conexão parcial com os outros, em comunicação com todas as partes" (HARAWAY, 2025, p. 89).

[4] "Nas camas de gato, ao menos dois pares de mãos são necessários. Em cada passo sucessivo, uma das partes é "passiva", oferecendo o resultado da operação anterior – um emaranhado de fios – para que a outra possa operá-lo, apenas para tornar-se novamente ativa no passo seguinte, quando um novo emaranhado se apresenta" (STENGERS, 2011, p. 134) As camas de gato servem como uma metáfora para definir o processo de pensar-com, um pensar "entre", o que consiste num retransmitir, confiar numa incerteza criativa, em algo feito, pensado ou escrito não pertencer mais nem menos a si do que ao outro.

Embora tais questionamentos estejam anunciados no texto “No Princípio era a palavra: A gênese da teoria Biológica”, de 1981[5], cabe retornarmos também a uma passagem presente em sua primeira publicação; *Crystals, Fabrics, and Fields: Metaphors of Organicism in the Twentieth Century*, de 1976, no primeiro capítulo do livro, intitulado como “Paradigm and Metaphor”[6]:

> Se a história da ciência fosse um relato desinteressado e puramente descritivo de operações objetivas realizadas para elucidar o funcionamento de uma natureza em que ninguém mais acreditava, ela despertaria poucas paixões. De modo semelhante, se a ciência fosse progressiva no sentido de um corpo cada vez maior de enunciados verdadeiros sobre um mundo sempre imutável e, no entanto, fundamentalmente inacessível, a natureza seria vista simplesmente como um grande quebra-cabeça a ser resolvido. Certamente, não haveria razão para esperar qualquer revelação fundamental sobre a experiência pessoal ou histórica ao se dedicar a uma ciência desse tipo." (Haraway, 1976, p. 01)

Ainda que neste momento a questão do saber corporificado e situado ainda não estivesse objetivada nos termos que assumiria posteriormente, já se delineava em *Crystals, Fabrics, and Fields* uma preocupação com as condições históricas e conceituais de produção do conhecimento científico. Naquele momento, o problema colocado por Haraway ainda não consistia na formulação de uma teoria feminista da objetividade, mas já se propunha a investigar de que maneira os paradigmas, as metáforas e as comunidades científicas participam da constituição dos objetos e dos problemas da investigação científica. É interessante observar que, aqui, a crítica à concepção de ciência como mera descrição neutra e desinteressada da natureza já aparece como uma questão relevante. No entanto, é somente em 1988 que Haraway apresenta um exame profundo sobre a questão da objetividade em relação às práticas feministas nas ciências e tecnologias, com o texto “Conhecimentos Situados: A Questão

[5] O texto foi publicado originalmente em 1981, no volume 6, número 3, da revista Signs: Journal of Women in Culture and Society e depois republicado no livro *A reinvenção da natureza: símios, ciborgues e mulheres*, em 1991.

[6] A metáfora desempenha um papel central na produção de Donna Haraway porque funciona não apenas como figura de linguagem, mas como um modo de pensar. Haraway é uma autora que usa do poder das metáforas para reinventar epistemologias.

da Ciência no Feminismo e o Privilégio da Perspectiva Parcial"[7]. Publicado como artigo na revista *Feminist Studies*, o texto responde a temas discutidos pela autora Sandra Harding dentro da obra *The Science Question in Feminism*. Em seu texto, Haraway indaga o que o termo "objetividade" de fato significa para "nós", e assim busca por uma objetividade feminista em relação à ideia de objetividade já definida pelo cânone, ou, como nas palavras de Haraway, por "eles", os filósofos e cientistas masculinistas e hostis que codificam as leis do cânone cognitivo. Diante disso, este artigo tratará de destrinchar os principais argumentos presentes no texto "Conhecimentos Situados: A Questão da Ciência no Feminismo e o Privilégio da Perspectiva Parcial" a fim de justificar o protagonismo deste quanto à questão da objetividade científica.

Sobre as Objeções às Doutrinas da Objetividade.

No primeiro momento do texto "Conhecimentos situados: a questão da ciência no feminismo e o privilégio da perspectiva parcial", Haraway busca apontar os problemas e os limites das tentativas de "desmascaramento" do que ela chama de *doutrinas da objetividade*. A autora inicia a sua argumentação abordando o *construcionismo social*:

> Estudos sociais recentes sobre ciência e tecnologia têm fornecido um argumento construcionista social muito sólido a favor de todas as formas de reivindicação de conhecimento, mais especificamente científico. Nessas visadas tentadoras, nenhuma perspectiva interna é privilegiada, pois todos os traçados de fronteiras dentro-fora no domínio do conhecimento são teorizados como movimentos de poder, e não como movimentos em direção à verdade. (Haraway, 2023, p. 320)

[7] O texto foi publicado originalmente em inglês como "Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective", em 1988, e sua versão em português mais conhecida foi publicada nos Cadernos Pagu (Unicamp) no ano de 2009, sob o título "Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial". Porém, neste artigo, a tradução de referência é presente na versão brasileira da obra *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*, traduzida por Rodrigo Tadeu Gonçalves.

Segundo a elaboração dos autores Kenneth J. Gergen e Mary Gergen, o construcionismo social consiste numa transformação crítica e significativa no mundo das ideias, um momento em que as tradições, os padrões universais e oficiais sobre a verdade, a objetividade, a racionalidade, o progresso e a moralidade são colocados em questão:

> O construcionismo social nos exime da tarefa de decidir qual tradição, conjunto de valores, religião, quais ideologias políticas ou qual ética é a derradeira, transcendentalmente Verdadeira ou Correta. A partir de uma perspectiva construcionista, tudo pode ser válido para um determinado grupo de pessoas, e as ideias construcionistas convidam a um pluralismo radical, ou seja, a uma abertura para múltiplas formas de denominar e avaliar. (Gergen; Gergen, 2010, p. 18)

Nesse sentido, o construcionismo social, especialmente em suas vertentes mais fortes nos estudos sociais da ciência, constitui um importante argumento para a oposição à noção de conhecimento como algo neutro, desinteressado e universal. Ao enfatizar o caráter histórico, social e contingente dos processos de produção do conhecimento, tais abordagens colocam em xeque a pretensão de que as afirmações científicas possam ser compreendidas independentemente das relações e dos contextos sociais nos quais são produzidas. É justamente nesse sentido que Haraway reconhece a importância da crítica construcionista, uma vez que "as ideologias oficiais sobre objetividade e método científico são guias particularmente ruins acerca de como o conhecimento científico é *realmente* produzido" (Haraway, 2023, p. 321). Porém, Haraway identifica certas limitações em determinadas formulações que, ao enfatizarem a dimensão discursiva, social e contingente da produção científica, podem acabar deixando em segundo plano a materialidade dos objetos e dos corpos envolvidos nesses processos. O problema, portanto, não está em reconhecer que o conhecimento é construído, mas em reduzir essa construção às relações discursivas e sociais que a constituem. Para Haraway, é necessário que se sustente simultaneamente a contingência histórica dos sujeitos e das práticas de conhecimento e o compromisso com um mundo material que não se reduz às representações produzidas sobre ele.

Nesse sentido, a insuficiência de determinadas versões do construcionismo reside menos em uma oposição entre discurso e prática científica do que na dificuldade de pensar conjuntamente as dimensões discursivas, materiais, corporais e situadas da produção do conhecimento. É precisamente dessa tensão que emerge a proposta dos saberes situados: uma concepção de objetividade que não abandona nem a parcialidade e a localização do sujeito cognoscente, nem a agência do mundo material sobre o qual o conhecimento é produzido. Haraway não abandona o construcionismo em nome da materialidade, mas procura radicalizá-lo de modo a impedir que a construção social e discursiva do conhecimento seja confundida com a redução do mundo à linguagem, ao discurso ou às relações sociais. Haraway coloca que o seu desejo, e também o de outras feministas, vai de encontro à possibilidade de contestar *todas* as camadas das construções científicas e tecnológicas. De tal maneira, é necessário também que se desconstrua as reivindicações da verdade realizadas pela "ciência hostil"[8]. Consequentemente, o olhar construcionista é uma ferramenta inadequada para a ciência, já que, ao favorecer *todas* as formas de reivindicação de conhecimento de maneira supostamente igualitária e neutra, teorizando todo movimento como um movimento de poder, o olhar construcionista impossibilita contestações e, assim, o movimento em direção à verdade. Num primeiro momento, o construcionismo pode parecer uma ferramenta promissora, já que se propõe a favorecer igualitariamente todas as formas de conhecimento, e isto teoricamente pode retirar certos fazeres científicos da marginalidade, porém, limita-se a uma mera maneira de demonstrar vieses na ciência e criar dicotomias como "viés *versus* objetividade, uso *versus* mau uso, ciência *versus* pseudociência" (Haraway, 2023, p. 324). Este é o primeiro problema apontado por Haraway.

[8] "Eu, entre outras, iniciei querendo uma ferramenta forte para desconstruir as reivindicações da verdade feitas pela ciência hostil ao demonstrar a especificidade histórica radical – e, portanto, a contestabilidade – de todas as camadas da cebola das construções científicas e tecnológicas" (Haraway, 2023, p. 321). Quando a autora se refere à uma "ciência hostil", se refere à cientistas e filósofos masculinistas, aqueles que recebem financiamentos e possuem laboratórios, que seguem as leis do cânone cognitivo, enfim, a ciência tradicional que se apresenta como neutra e universal. "Nós, as feministas no debate sobre a ciência e a tecnologia, somos os "grupos de interesses especiais" da era Reagan no campo rarefeito da epistemologia, no qual tradicionalmente o que pode contar como conhecimento é policiado por filósofos que codificam a lei do cânone cognitivo" (Haraway, 2023, p. 319-320).

O segundo problema, segundo Haraway, se apresenta como o fato de que alguns projetos feministas – como o empirismo feminista e certas versões do marxismo humanista – oscilam entre o construcionismo radical, que dissolve toda referência ao mundo material em jogos de significação, e o empirismo crítico, que mantém a defesa da objetividade como transparência, desconsiderando mediações, corpos, posições e tecnologias de visão. Haraway coloca como desafio o desenvolvimento de uma abordagem que reconheça plenamente a historicidade radical das práticas de conhecimento, sem que tais práticas recaiam num relativismo pós-moderno, nem num positivismo empirista. Quando Haraway examina os limites de determinadas abordagens construcionistas, discutindo suas insuficiências, reconhece nessa perspectiva um instrumento fundamental para desnaturalizar as reivindicações de conhecimento e explicitar as relações de poder que as atravessam. Sua crítica dirige-se, antes, às formas de construcionismo que, ao enfatizarem a contingência histórica e as relações de poder, acabam por oferecer recursos insuficientes para pensar a materialidade do mundo e a possibilidade de reivindicações epistemicamente responsáveis. De modo semelhante, ao discutir diferentes tradições da epistemologia feminista, Haraway identifica os limites de abordagens que permanecem, ainda que de maneiras distintas, vinculadas aos termos tradicionais (canônicos, masculinistas e hostis) da objetividade científica. Todavia, é importante enfatizar que é apenas a partir desses limites, e não em simples oposição a eles, que a autora reformula a questão da objetividade a partir dos conhecimentos situados. Essa reformulação implica reconhecer a "multiplicidade radical dos conhecimentos locais" e, simultaneamente, reconhecer o perigo nos paradoxos e, igualmente, as contradições resultantes disso como contradições necessárias, como perigos, como contradições e como limitações inerentes às perspectivas parciais. É este o ponto essencial para que se compreenda o objetivo da argumentação da autora. Haraway argumenta a favor da necessidade de uma rede global de conexões que incluam a habilidade de tradução parcial de conhecimentos entre comunidades diferentes entre si e também diferenciadas pelo poder. Assim, não se trata de abandonar a objetividade, mas de transformá-la em um projeto ético-político. Tal qual formulado posteriormente em seu texto sobre o

pensamento tentacular, no livro *Ficar com o Problema: Fazer Parentes no Chthuluceno*; "Ninguém vive em todos os lugares; todo mundo vive em algum lugar. Nada está conectado a tudo; tudo está conectado a alguma coisa" (Haraway, 2023, p. 58), é necessário que se ocupe ambos os pólos das dicotomias das doutrinas da objetividade, seja de modo simultâneo ou alternado, é preciso que se reconheça a existência das multiplicidades, mas também das parcialidades e das limitações da conectividade como condição para uma objetividade responsiva e não inocente. É necessário, portanto, localizar, situar e corporificar os conhecimentos – e, com eles, tornar a própria objetividade uma prática localizada, situada e corporificada.

Qual a Objetividade de um Truque Divino?

A visão é essencial para que se corporifique a objetividade. Para Haraway, a visão não é algo inocente; os "truques divinos" estão sempre à espreita. O *truque divino* consiste em afirmar a possibilidade de uma visão geral que não parte de lugar algum, ou então uma onipresença cega, algo que se assemelha à ideia de "olhar de Deus". Enquanto a *objetividade imparcial* pretende a reunião de todas as perspectivas enquanto vê de fora delas, o *relativismo* intenta o nivelamento de todos os pontos de vista como se fossem equivalentes. Quando Haraway declara que *todo conhecimento é marcado, localizado, situado*, significa que todo conhecimento produzido está atravessado por identidades, categorias, marcadores e interesses pessoais, institucionais e políticos; entram nessa equação gênero, raça, classe, nacionalidade, instituição, laboratório, universidade, comunidade científica, acesso a recursos, tecnologias disponíveis, financiamentos, relações de trabalho etc. O que está em jogo são quais objetos, problemas e métodos recebem legitimidade científica; que condições materiais e institucionais tornam determinadas formas de conhecimento possíveis, legítimas e circuláveis. Situar o conhecimento significa tornar visíveis todas as condições e relações de poder que tornam a produção de conhecimento possível ou não.

Para se ter uma visão, é necessário que se tenha um corpo, e é necessário que se saiba que corpo é esse. O processo de corporificar a visão engendra uma nova concepção de objetividade, pois a objetividade depende das perspectivas parciais:

> Quero insistir na natureza corporificada de toda visão, e assim recuperar o sistema sensorial que tem sido usado para significar um salto para fora do corpo marcado e para dentro de um olhar conquistador a partir de lugar nenhum. Esse é o olhar que inscreve de forma mítica todos os corpos marcados, o que faz com que as categorias não marcadas reivindiquem o poder de ver e não ser visto, de representar enquanto se escapa à representação. Esse olhar significa as posições não marcadas de Homem e Branco, um dos muitos tons desagradáveis da objetividade mundial para os ouvidos feministas em sociedades dominantes científicas e tecnológicas, industriais tardias, militarizadas, racistas e masculinas, ou seja, aqui, na barriga do monstro, nos Estados Unidos do final dos anos 1980. Eu tenciono uma doutrina de objetividade corporificada que acomode projetos paradoxais e críticos da ciência feminista: objetividade feminista significa simplesmente conhecimentos situados. (Haraway, 2023, p. 329)

Haraway atesta que a visão tem significado a capacidade de "distanciar o sujeito cognoscente de tudo e de todos, no interesse de um poder sem restrições" (HARAWAY, 2023, p. 329); isto está ligado à história da ciência, ao colonialismo, ao capitalismo, ao militarismo e à supremacia masculina. Por este motivo, é necessário que a escrita feminista enfatize a visão; é preciso que se recupere este sentido para que se possa nomear onde se está e onde não se está. Deste modo, a objetividade diz respeito a "corporificações particulares e específicas, e não, definitivamente, a falsas visões que prometem transcendência de todos os limites e da responsabilidade" (Haraway, 2023, p. 331).

"A objetividade feminista diz respeito à localização limitada e ao conhecimento situado, e não à transcendência e à cisão entre sujeito e objeto. Dessa forma, devemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver" (Haraway, 2023, p. 332). A

responsabilidade à qual Haraway se refere (a que se tornará *respons-habilidade*[9] em seus escritos posteriores) diz sobre modos de visão, e os modos de visão dizem sobre modos de vida; tal responsabilidade deve recair sobre todo e qualquer corpo que vê, mesmo que ele veja "de baixo". Haraway ressalta que, embora as perspectivas dos grupos subjugados ofereçam vantagem epistemológica porque expõem mecanismos de poder que a visão dominante tende a ocultar, elas também não são posições "inocentes", nem isentas de crítica. A "vantagem" do olhar subjugado reside em sua potencialidade de apontar para as limitações das visões totalizantes, pois "a produção de uma teoria universal, totalizante, é um grande equívoco, que deixa de apreender – provavelmente sempre, mas certamente agora – a maior parte da realidade" (Haraway, 2025, p. 89).

Objetividade Descorporificada *versus* Corporificação da Objetividade.

Então, afinal, o que pode ser definido como uma objetividade descorporificada e qual a importância da corporificação da objetividade?

No texto "*The Persistence of Vision*", presente na obra *Primate Visions: gender, race, and nature in the world of modern science*[10], Haraway elabora que "O olho distante da ciência objetiva é uma ficção ideológica – e uma ficção poderosa. Mas é uma ficção que oculta – e é feita para ocultar – como os discursos poderosos das ciências naturais realmente funcionam." (Haraway, 1989, p. 13). Tal declaração quer

[9] "Isso é o que eu chamo de cultivar a *respons-habilidade*, a capacidade de responder com paixão e ação, em vinculações e desligamentos. Isso é também o saber e o fazer coletivos, uma ecologia de práticas. Quer tenhamos pedido por isso ou não, o padrão está em nossas mãos. A resposta à confiança da mão estendida: devemos pensar" (Haraway, 2023, p. 65-66).

[10] Em *Primate Visions* (1989), particularmente no ensaio "The Persistence of Vision", a autora investiga historicamente como a produção científica sobre a natureza é atravessada por relações sociais, políticas, econômicas e culturais, desde então questionando o olhar científico que futuramente será definido como descorporificado e não situado. O texto é iniciado com questionamentos tais quais "Como amor, poder e ciência estão entrelaçados nas construções da natureza no final do século XX? O que pode ser considerado natureza para as pessoas do capitalismo industrial tardio? Que formas assume o amor pela natureza em contextos históricos particulares? Para quem e a que custo? Em que lugares específicos, a partir de quais histórias sociais e intelectuais, e com quais ferramentas a natureza é construída como objeto de desejo erótico e intelectual? De que modo as terríveis marcas de gênero e raça possibilitam e limitam o amor e o conhecimento em determinadas tradições culturais, incluindo as ciências naturais modernas?" (Haraway, 1989, p. 1).

dizer que apenas o que ocupa os lugares de dominação pode ser não-marcado, não-mediado, transcendente, descorporificado. Mas isso não passa de uma ilusão, para usar uma metáfora à moda *harawayana*, uma ilusão de ótica:

> A única posição a partir da qual a objetividade não poderia de modo algum ser praticada e honrada é a posição do mestre, do Homem, do Deus uno, cujo Olho produz, apropria e ordena toda diferença. Ninguém nunca acusou o Deus do monoteísmo de objetividade, somente de indiferença. O truque divino é autoidêntico, e nós o interpretamos incorretamente como criatividade e conhecimento, ou até mesmo como onisciência. (Haraway, 2023, p. 338)

Ter uma posição, portanto, não significa apenas explicitar o lugar a partir do qual o conhecimento é produzido, mas assumir a responsabilidade (ou *respons-habilidade*) por ele e pelas relações que o atravessam. A objetividade científica, para Haraway, não se esgota na identificação da posição do sujeito cognoscente; ela depende também da possibilidade de confrontar e contestar diferentes perspectivas parciais. Nesse sentido, tornar visíveis, por exemplo, as relações de gênero, raça e classe que participam da produção científica não relativiza sua objetividade, mas cria condições para o reconhecimento de seus limites e o estabelecimento de conexões entre lugares distintos de produção do conhecimento. Questionamentos como "Quais relações orientam a adoção (ou descarte) de uma hipótese?" se tornam um ponto de partida e não uma linha de chegada. Uma objetividade imparcial, descorporificada e relativista compromete e enfraquece o caráter crítico da ciência. Os conhecimentos situados precisam ser compartilhados na comunidade acadêmica por meio de um movimento de solidariedade política e de engajamento em conversas epistêmicas que assumam explicitamente sua parcialidade. O conhecimento situado é um método político; é fazer as ciências do particular. "Epistemologia significa conhecer a diferença" (Haraway, 2025, p. 50). Tanto a objetividade imparcial quanto o relativismo vão de encontro a doutrinas que ameaçam o senso de *subjetividade histórica coletiva* e a agência dos relatos corporificados da verdade.

> Ao nos esquivarmos da importância da dominação como parte da teoria e prática das ciências contemporâneas, passamos ao largo do exame crucial e difícil tanto do conteúdo quanto da função social da ciência. Nós deixamos que esse corpo de habilidade e conhecimento central e legitimador subverta nossos esforços, transformando-os em utópicos no pior sentido. Também não devemos aceitar com leveza a distinção perniciosa entre ciência pura e aplicada, entre uso e abuso da ciência, e mesmo entre natureza e cultura. Todas são versões de uma filosofia da ciência que explora a ruptura entre sujeito e objeto para justificar a ideologia dupla da objetividade científica firme e da mera subjetividade pessoal. Esse núcleo de conhecimento e prática anti libertação em nossas ciências funciona como importante apoio do controle social. (Haraway, 2023, p. 12)

Em relação com o texto “Conhecimentos situados”, esse trecho nos ajuda a explicitar alguns pontos cruciais para o argumento a favor da corporificação da objetividade: a ciência não é produzida fora das relações sociais e materiais, a pretensão de objetividade desencarnada depende de uma separação rígida entre sujeito e objeto, mas simplesmente demonstrar que todo conhecimento é socialmente construído também não resolve o problema, pois se tudo for reduzido a relações de poder ou a efeitos discursivos, perde-se a possibilidade de reivindicar conhecimento confiável sobre o mundo.

Haraway argumenta em favor de uma objetividade que privilegia a desconstrução, a contestação, a construção, a reconstrução, as conexões e as transformações do conhecimento e dos modos de visão, uma fuga da perspectiva da dominação: “Não procuramos a parcialidade por si só, mas pelas conexões e aberturas inesperadas que os conhecimentos situados tornam possíveis. O único modo de encontrar uma visão mais ampla é estando em algum lugar particular.” (Haraway, 2023, p. 343). A objetividade feminista é uma racionalidade posicionada; não se trata de transcender limites, nem de ver de cima, nem de ver de uma posição neutra, mas de unir perspectivas parciais e de vozes diversas. Trata-se aqui de uma objetividade que assume seus limites, suas contradições e o fato de que toda visão parte de algum lugar. A corporificação feminista diz respeito aos entrelaçamentos, às inflexões, à política e às epistemologias da localização, do posicionamento e da situação, coisas que resistem a

reducionismos e simplificações. “Essas são posições sobre a vida das pessoas; a visão a partir de um corpo, sempre um corpo complexo, contraditório, estruturante e estruturado, versus a visão a partir de cima, de lugar nenhum, da simplicidade.” (Haraway, 2023, p. 341). Localizar um conhecimento significa perguntar de onde ele é produzido; consiste em identificar o contexto, a posição e as condições de produção do conhecimento. Portanto, não é suficiente saber quem é o sujeito; é preciso compreender as relações e condições que tornam determinada produção de conhecimento possível. Situar implica compreender um conhecimento em relação às circunstâncias e relações nas quais ele se produz; “situado” nada mais é do que uma posição relacional, que depende de relações concretas e parciais. Corporificar equivale a rejeitar a figura de um sujeito cognoscente descorporificado (ou desencarnado), sem corpo, sem posição e sem história. O conhecimento é produzido por sujeitos corporificados, cujos corpos estão atravessados por relações sociais, históricas e materiais. Vale lembrar que isso não pressupõe a redução do conhecimento à identidade corporal de quem pesquisa, mas, sim, o reconhecimento de que o corpo, a posição e as relações materiais participam das condições a partir das quais se pode ver, perguntar, interpretar e produzir conhecimento. Em última instância, a objetividade formulada por Haraway não é um exercício de distanciamento, mas, sim, um emaranhado de *nós*, nós que marcam nossa condição de seres finitos, tecidos por vínculos mútuos, desiguais, sempre arriscados e distantes das ilusões cartesianas de clareza e distinção.

Referências

GERGEN, Kenneth J.; GERGEN, Mary. 2010. *Construcionismo social:* um convite ao diálogo. Tradução de Gabriel Fairman. Rio de Janeiro: Instituto Noos.

HARAWAY, Donna. 2023. *A reinvenção da natureza:* símios, ciborgues e mulheres. Tradução de Rodrigo Tadeu Gonçalves. São Paulo: WMF Martins Fontes.

HARAWAY, Donna; TADEU, Tomaz; KUNZRU, Hari. 2025. *Antropologia do ciborgue:* as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica.

HARAWAY, Donna J. 1976. *Crystals, Fabrics, and Fields:* Metaphors of Organicism in Twentieth-Century Developmental Biology. New Haven: Yale University Press.

_____. 2023. *Ficar com o problema:* fazer parentes no Chthuluceno. Tradução de Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições.

_____. Donna. 1989. *Primate Visions:* Gender, Race, and Nature in the World of Modern Science. New York: Routledge.

_____. 1991. *Simians, Cyborgs, and Women:* The Reinvention of Nature. New York: Routledge.

SIGNS. 1981. *Volume 6, número 3 (1981) – sumário*, [Online]. University of Chicago Press. [Acesso em: 05 dez. 2025].

STENGERS, Isabelle. 2011. “Relaying a war machine”. In: ALLIEZ, Éric; GOFFEY, Andrew (ed.). *The Guattari Effect*. London: Continuum International Publishing Group, p. 134-155.